No Estado do Rio, mais de oito mil empresas fecharam este ano

Problemas em segurança, infraestrutura e tributos afetam negócios

GLAUCE CAVALCANTI
glauce@oglobo.com.br
LUCIANNE CARNEIRO
lucianne.carneiro@oglobo.com.br

No primeiro semestre, 8.151 empresas fecharam as portas no Estado do Rio, em setores como comércio e indústria. É aumento de 38% na comparação com igual período de 2016 e patamar equivalente ao de todo o ano de 2014, quando 8.296 estabelecimentos encerraram atividades. A mortalidade empresarial acelerou com a recessão do país, mas também com o aprofundamento da crise fiscal fluminense, avaliam especialistas. Entre os nós a serem desatados estão segurança, infraestrutura e tributação.

Neste último ponto, porém, já há avanços, como a prorrogação da Lei da Moda, que garante redução de ICMS ao setor têxtil no estado até 2032.

— Infelizmente, estamos vendo, de novo, um esvaziamento do Rio. Há um descolamento do estado em relação às outras regiões. O pior indicador é o do emprego. O Rio teve o pior desempenho do país. O que move a economia é o salário mensal. Se perde o emprego, a fonte seca — afirma o economista-chefe da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), Fabio Bentes.

MAIOR ICMS DO SUDESTE

Apenas no comércio, 22.944 vagas foram fechadas no Estado do Rio até julho, uma queda de 2,79%, enquanto no país o recuo foi de 1,24%, segundo dados do Caged. Na indústria, o Brasil acumula saldo positivo na geração de vagas formais este ano, de 40.498, com alta de 0,56%, enquanto no Rio houve saldo negativo de 8.370, recuo de 2,14%.

Orlando Diniz, presidente da Fecomércio-RJ, destaca que o aumento da violência colabora para esse esvaziamento. E afirma que é preciso investir na melhoria da competitividade e do ambiente de negócios:

— O ICMS do Estado do Rio é o mais alto do Sudeste, mina nossa competitividade regional. Deficiências em infraestrutura, alto custo de telefonia e falta de segurança afetam a decisão das companhias. Com roubo de carga maior, o estado tem um custo adicional de 3% a 5%.

'FALTA CAPACIDADE DE INVESTIR'

O Rio de Janeiro manteve sua posição em ranking de competitividade elaborado pela Consultoria Tendências em 2016, considerando as 27 unidades da federação. A colocação em áreas-chave, porém, afeta negativamente o ambiente de negócios.

— Um conjunto de problemas, como o descontrole fiscal e das contas públicas, a queda da receita da cadeia de óleo e gás e os efeitos da Operação Lava-Jato resultaram na crise fluminense atual. Com um governo endividado e deficitário, falta capacidade para induzir a economia, de investir, fazer compras. A avaliação do Rio em áreas como infraestrutura (23º lugar no ranking), segurança pública (22º) e solidez fiscal (24º) afetam a competitividade — destaca Fábio Klein, economista da Tendências.

Christino Áureo, secretário estadual da Casa Civil e de Desenvolvimento Econômico, reconhece que o momento é adverso, mas diz que o equilíbrio está próximo, e a retomada virá.

— A decisão de suspender uma operação, como a da L'Oréal de fechar uma fábrica no Rio no fim de 2018, é multifacetada. É um setor que teve queda brutal em vendas. Mas é claro que a empresa também fica onde tem maior segurança jurídica. Passamos meses impedidos por uma liminar de tratar de incentivos fiscais no estado, por exemplo. Mas avançamos. E já temos condições de decidir sobre incentivos.

Apesar da perda de unidades de produção de empresas como Bayer e Coca-Cola nos últimos anos, o Rio atraiu projetos como as fábricas de Procter&Gamble, Nissan e Nestlé.

O peso do desequilíbrio fiscal para a crise atual no estado, além dos custos resultantes de problemas na segurança pública, como roubo de carga, também são admitidos por Áureo:

— O programa de recuperação fiscal nos dá condições de ampliar a receita, com a redução dos custos. Já a segurança pública está muito relacionada a tráfico de drogas e contrabando de armas, crimes que têm de ser combatidos com ajuda federal, como está sendo feito. Já há resultados.

PARA FIRJAN, RIO TEM SAÍDA

O secretário afirma que a AgeRio, agência de fomento fluminense, conta com R$ 400 milhões em caixa. E que o estado tem 130 projetos de empresas já captados, que vão se instalar no Rio a partir deste ano, somando R$ 100 milhões em investimento e gerando três mil empregos.

— Há gargalos. Mas temos um grande mercado consumidor, mão de obra qualificada, centros de pesquisa e inovação. O Rio tem saída. Precisamos superar este momento — diz Sérgio Duarte, vice-presidente da Firjan. ●

Opinião

UNIÃO

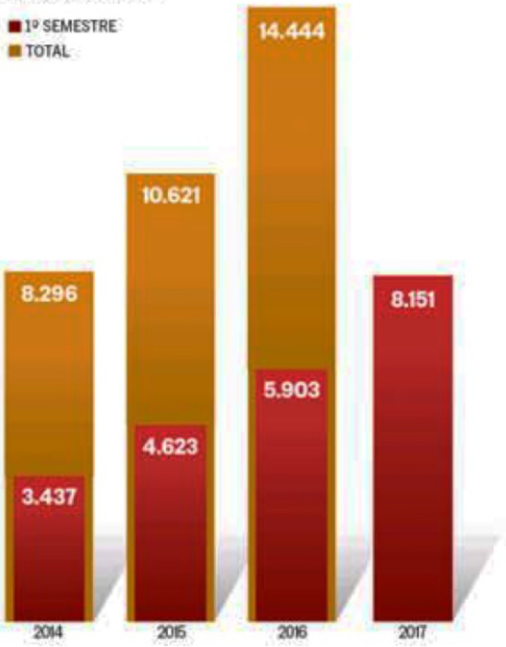
A NOTÍCIA da transferência de uma fábrica da L'Oréal do Rio para São Paulo trouxe de volta o espectro do esvaziamento econômico que atingiu a cidade e o estado nas décadas de 80 e 90.

POR UMA série de razões, o Rio de Janeiro de fato perdeu competitividade na Federação. Em vez de provocar desânimo, a constatação tem de unir líderes políticos e empresariais, na busca de caminhos para a recuperação. Piores foram aqueles tempos.

OS NÚMEROS DA CRISE

ESTABELECIMENTOS FECHAM, E DESEMPREGO AVANÇA

Fechamento de empresas no Estado do Rio



Faturamento
JUNHO/2017

	COMÉRCIO		SERVIÇOS	
	BRASIL	RIO DE JANEIRO	BRASIL	RIO DE JANEIRO
Frente ao mês anterior	1,2%	0,1%	1,3%	0,2%
Frente a igual mês do ano anterior	3%	-3,5%	-3%	-11,6%
Acumulado no ano	-0,1%	-3,7%	-4,1%	-9,9%
Acumulado em 12 meses	-3%	-6,1%	-4,7%	-9,3%

Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged)
ABERTURA OU FECHAMENTO DE VAGAS COM CARTEIRA ASSINADA
JANEIRO/JULHO-2017

	COMÉRCIO		INDÚSTRIA	
	VAGAS	VARIAÇÃO	VAGAS	VARIAÇÃO
Rio de Janeiro	-22.944	-2,79%	-8.370	-2,14%
Brasil	-112.451	-1,24%	40.498	0,56%

Fonte: Firjan, IBGE e Ministério do Trabalho

Editoria de Arte